

Uso das Tecnologias Digitais por Adolescentes: potenciais e riscos

Ana Maria Albuquerque

Introdução

Muitos adolescentes ao redor do mundo estão exercitando os seus direitos, colocando em prática suas ideias e melhorando a vida ao seu redor. Às vezes, eles são chamados a participar da vida de sua comunidade em decorrência de situações extremas, tais como a violência e o uso abusivo de álcool e o tráfico de drogas ilícitas. Muitas vezes, eles usam as tecnologias digitais para tentar resolver problemas comunitários mediante ações de protagonismo juvenil, como multiplicadores para a promoção da saúde, tais como a prevenção ao uso abusivo de drogas.

A palavra protagonismo juvenil vem do sufixo grego *proto*, que significa primeiro e *agon*, cujo significado é lutador. O protagonista pode ser descrito como sendo o lutador principal, de acordo com a raiz etimológica desta palavra. No teatro, o termo protagonista é usado para descrever o ator principal da peça. Esta terminologia também é usada tanto na política como na sociologia para falar da pessoa que lidera um movimento ou uma transformação social.

As ações de protagonismo juvenil trazem consigo uma visão positiva dos jovens, enxergando o adolescente não como um problema, mas como um agente de mudança que possui o direito de participar na resolução de problemas comunitários. Sem contar que eles possuem uma forma de ver o mundo diferente e que deve ser considerada pelos adultos. São indivíduos cuja energia, idealismo e *insights*, característicos desta fase do desenvolvimento, são elementos importantes para

gerar mudança social.

Portanto, devemos sair de uma visão negativa que vê os adolescentes a partir do modelo de déficit, ou seja, aquilo que falta, para a dos potenciais e competências que esta fase da vida oferece como, por exemplo, a participação de forma bem sucedida em assuntos comunitários que os preocupam e que lhes são significativos.

Tecnologias e Brecha Digital

O uso das tecnologias digitais pelos adolescentes serve para auxiliar na expressão, no desenvolvimento e no registro de suas ideias, assim como permite sua maior participação em esforços locais e globais, possibilitando o compartilhamento de ideias com outros adolescentes e adultos. Muitos adolescentes usam a internet e outras tecnologias para se comunicarem com seus amigos e pares, para fazer pesquisas escolares, para acompanhar o desempenho de seus times de esportes favoritos, para acessar notícias, para encontrar informações sobre saúde, vestibular e outros temas de interesse.

É comum os jovens não diferenciarem a vida presencial da vida *online*, pois normalmente uma acaba sendo extensão da outra. Portanto, ao analisar a forma como os adolescentes e os adultos lidam com a tecnologia para resolver problemas comunitários, devemos levar em conta a brecha digital geracional para melhor compreender o uso desigual das tecnologias digitais entre jovens e adultos e a problemática que isto acarreta.

Além de influenciar no desenvolvimento da sociedade mediante maior habilidade no uso das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) e suas aplicações, os jovens possuem certo ímpeto e expertise no uso da tecnologia que acabam inspirando as gerações mais velhas.

Para falar das diferenças geracionais no uso das tecnologias digitais, Tapscott



(2009) utilizou o termo “geração *net*” e “geração *z*” para descrever as características de usos das tecnologias digitais pelos indivíduos que nasceram a partir de 1977. São adolescentes que estão imersos em bits e suas mentes estão muito conectadas com o que acontece no mundo ao seu redor (*wired minds*), apresentando um funcionamento diferente, pois eles se expressam com textos, sons, imagens e vídeos. Com muito mais facilidade que as gerações anteriores, normalmente os adolescentes não utilizam o termo tecnologia, pois esta é como o ar que respiram, tal como é o uso do lápis e do papel para outras gerações mais antigas. Assim, percebemos que os adolescentes não falam sobre tecnologia, eles apenas falam com naturalidade sobre como jogar ou como criar um site na *web*, ou qualquer outra atividade de seu interesse.

Porém, os termos “geração *net*” e “geração *z*” devem ser usados com cautela, pois eles se referem apenas aos adolescentes alfabetizados e que cresceram num ambiente cultural enriquecido pelas tecnologias digitais. Sendo assim, não é por ter nascido a partir de 1977 que podemos dizer que a pessoa é membro da geração *net* ou da geração *z*, pois isso vai depender das oportunidades educacionais e digitais que estes indivíduos tiveram para o desenvolvimento ou não de sua fluência tecnológica. Outro termo usado é o de “nativo digital”.

Segundo Prensky (2001), o termo nativo digital se contrapõe ao conceito de imigrante digital, para designar as pessoas que nasceram antes de 1977, quando surgiram os primeiros computadores pessoais. Os imigrantes digitais utilizam as tecnologias digitais como sendo sua segunda língua e os nativos digitais, como sendo sua primeira língua.

Observa-se que os adolescentes nativos digitais passaram a ser autoridade dentro da escola e da família, no que se refere ao uso das tecnologias digitais. Consequentemente, isso vem levando a uma mudança hierárquica nas relações professor-aluno e pais-filhos quanto ao uso de computadores, internet e outras mídias. Por outro lado, sabemos também que esta mudança hierárquica vem



gerando alguns conflitos que precisam ser intermediados pelo professor, pelos pais ou demais familiares.

Apesar de os nativos digitais usarem as tecnologias digitais com mais eficiência que os adultos, esta geração, se comparada às anteriores, peca no sentido de não dar importância à necessidade de se ter privacidade na internet. Isso faz também com que esta geração tenha menos liberdade que as anteriores, pelo fato de suas ações ficarem registradas no meio virtual. Eles não têm consciência disso e suas vidas passam a ser um livro aberto, sujeitas a vários incidentes. Alguns desses dizem respeito a problemas comuns que os nativos digitais apresentam no uso das tecnologias digitais no contexto escolar, tais como a intimidação na rede mundial de computadores; o fazer justiça com as próprias mãos; a necessidade de postar e produzir conteúdos problemáticos e sensíveis, assim como as práticas de *cyberbullying*, cada dia mais frequentes nos meios virtuais utilizados por crianças e adolescentes.

Práticas de *cyberbullying* no Brasil: definição e características

Willard define *cyberbullying* como sendo “o ato de mandar ou postar material danoso ou formas de engajar-se em outras formas de agressão social usando a internet ou em outros tipos de tecnologias digitais. Estas comunicações *online* podem ser viciantes e o *bullying* virtual pode acontecer a qualquer momento das 24 horas do dia e dos 7 dias da semana. Texto ou imagens comprometedoras podem ser disseminados de forma ampla, sendo impossível retirar o conteúdo da internet” (Willard, 2007, p 1).

Segundo Belsey, as práticas de *cyberbullying* envolvem o uso das tecnologias da informação e da comunicação, tais como e-mail, celulares e *paggers*, mensageiros instantâneos, sites de redes sociais e uso de outros ambientes virtuais, com o intuito

de difamar a vítima de forma deliberada, apresentando comportamentos hostis de forma repetitiva, praticados por um indivíduo ou um grupo de indivíduos, com a intenção de gerar danos a terceiros (citado por Shariff, 2008, p. 29).

De acordo com Willard (2007), Kowalskim Limber e Agaston (2009), existem oito tipos distintos de *cyberbullying*, tais como:

- 1) Provocação incendiária: que se destaca por ser um tipo de discussão que se inicia online e se propaga de forma rápida usando linguagem vulgar e ofensiva;
- 2) Assédio: envio de mensagens ofensivas e com o objetivo de insultar a vítima;
- 3) Difamação: é o ato de difamar ou injuriar alguém criando fofocas e rumores na internet visando causar danos à reputação de uma pessoa;
- 4) Roubo de identidade: se fazer passar por outra pessoa na internet, usando os dados pessoais desta, tais como conta de e-mail ou messenger e fazê-la ficar mal e criar conflitos com seus conhecidos;
- 5) Violação da intimidade: quando se difunde segredos ou informações e imagens íntimas ou comprometedoras de alguém;
- 6) Exclusão: ocorre quando se tenta distanciar alguém de modo intencional em uma comunidade virtual;
- 7) Ameaça cibernética: é o envio repetitivo de mensagens que incluem ameaças ou são muito intimidadoras.
- 8) Happy Slapping: é a divulgação de vídeos, que mostram cenas de agressão física que ocorre quando um grupo de jovens escolhe uma vítima na rua para bater, gravando a agressão com câmeras de celular e postando, posteriormente, o vídeo



em sites como o *You Tube* ou o *Google Vídeos* para ser visto por várias pessoas, visando humilhar ainda mais.

Outro aspecto a ser ressaltado no que se refere às práticas de *cyberbullying* está no fato de que 42,4% dos jovens que disseram sofrer disto também são vítimas de *bullying* na escola (Palfrey, 2009). Palfrey afirma que uma das diferenças entre os dois tipos de violência é que, muitas vezes, os adultos não conseguem perceber a existência do *bullying* presencial na escola, deixando o aluno sozinho nos momentos em que isso ocorre. Já o *cyberbullying* é algo que se torna mais público, por estar registrado no ciberespaço, deixando pegadas digitais que podem ser vistas posteriormente pelas pessoas. Nos contextos *online*, muitas vezes, os agressores são anônimos.

Contudo, o fato das mensagens ofensivas serem postadas de forma anônima não necessariamente quer dizer que as vítimas não saibam ou não tenham ideia de quem é o agressor, sendo necessário, muitas vezes, acionar órgãos de cibersegurança, tais como a Polícia de Crimes Digitais ou a Safernet, para tentar descobrir os possíveis agressores. Porém, o *cyberbullying* é apenas uma das práticas de riscos que os jovens apresentam na internet. Existem outras, tais como a postagem de conteúdos de teor sensível e outros tipos de ciberviolência.

Outras práticas de risco *online*

Palfrey & Gasser (2008) faz uma interessante análise dos comportamentos de risco dos adolescentes desta atual geração, comparando-a com as anteriores. Ele percebe que a diferença da geração atual é que alguns desses comportamentos de risco ficam registrados na internet, no dossiê digital do indivíduo, tornando-o público e, às vezes, difícil de ser retirado da *net*. Muitos destes comportamentos podem ser rastreados, sendo facilmente visíveis para quem sabe usar os mecanismos de

busca, como o Google. Quando isto acontece, sérios problemas de privacidade podem ocorrer na vida dos adolescentes, provocando consequências sérias para o seu futuro. E tudo isto a partir de atitudes, muitas vezes, impensadas.

Para exemplificar melhor esta questão, um problema de privacidade comum pode ocorrer quando uma pessoa tira uma foto de outra consumindo drogas ilícitas e postando-a posteriormente, em sites de redes sociais como o *Orkut* ou o *Facebook*. Esta imagem pode ser vista por qualquer um e gerar constrangimentos para a vida do adolescente, principalmente se for divulgada no *Google* Imagens, por exemplo.

Para prevenir este tipo de situação é importante que antes que o adolescente poste uma foto na internet, ele pergunte a si mesmo se não se importaria de colocar esta mesma imagem no centro de uma praça pública ou no mural da escola. Caso a resposta seja afirmativa, e ele se importe e se sinta constrangido, então, aconselha-se a não divulgá-la na internet em seu blog ou site de rede social, pois ela pode ficar registrada para sempre e não se sabe quem irá visualizar essa imagem.

Outro aspecto importante é pedir permissão para as pessoas que se encontram em uma determinada foto, antes de colocá-la na internet. Para entender melhor esta questão, sabemos que não é tão incomum encontrar situações em que uma pessoa deixou de ganhar uma vaga de emprego, pois a empresa resolveu olhar o seu perfil no Orkut e encontrou uma foto do candidato(a) segurando uma cerveja e visivelmente bêbado(a). O problema é que o jovem está sujeito a ser excluído de certas oportunidades na vida por terem sido rastreadas as suas pegadas digitais sem que ele soubesse ou fosse chamado para tentar esclarecer o fato. Com certeza, isto é muito mais comum do que poderíamos imaginar.

Cabe também ressaltar que, com relação aos conteúdos problemáticos e ao desenvolvimento de comportamentos *online* de risco dos adolescentes, do mesmo modo que estes se deparam com riscos no ciberespaço, eles também se defrontam com outros riscos em outros espaços públicos presenciais. Os riscos virtuais mais



comuns incluem perseguição cibernética, *cyberbullying*, solitações sexuais inadequadas por adultos e exposição a conteúdos ilegais ou problemáticos.

A natureza desses riscos não é totalmente diferente se formos compará-los com situações presenciais arriscadas a que se expõem os jovens. Observa-se que os adolescentes que se encontram em risco *online* são os mesmos que desenvolvem práticas de risco em contexto presencial, não havendo muita distinção entre o universo presencial e o ciberespaço. Portanto, muitos dos conselhos para prevenir comportamentos de risco dos jovens no mundo presencial também são válidos para a internet.

Por outro lado, existem algumas diferenças que devem ser levadas em conta, pois se formos comparar os comportamentos de risco da atual geração de jovens com os de gerações de décadas atrás, a diferença é que antigamente, os riscos eram mais locais, e resolvidos por pais, educadores, assistentes sociais, policiais e outros profissionais. Entretanto, hoje tais profissionais, ou mesmo os pais, não têm a menor consciência do que está acontecendo com os adolescentes no âmbito da internet. Vale a pena aproveitar a oportunidade para informar que muitos dos riscos virtuais são trabalhados por serviços de instituições especializadas, como a *Safernet* ou a Polícia de Crimes Digitais no Brasil, que por sua vez, lidam com audiências tanto nacionais, como globais.

No que se refere ao registro de comportamentos de risco na internet com relação ao uso abusivo de drogas e álcool, temos também que levar em consideração a questão da liberdade de expressão na internet. Mas como os adolescentes podem enfrentar e prevenir os comportamentos de risco online e a divulgação de conteúdos sensíveis na rede mundial de computadores? Uma das formas seria que os jovens pudessem desenvolver, na escola, em parceria com os adultos, práticas de boas maneiras na internet (netiqueta) ao usar o laboratório da escola, lidando com os problemas a partir do momento em que eles emergem.

Considerações finais

Este capítulo procurou abordar a existência de alguns comportamentos de risco *online*, como as práticas de *cyberbullying* e o registro no ciberespaço de uso abusivo de drogas em redes sociais, blogs e vídeos do *You Tube*, que podem gerar problemas de privacidade na rede mundial de computadores, além de provocar sofrimentos intensos e situações constrangedoras para os indivíduos.

Uma das maneiras de se enfrentar e prevenir os comportamentos de risco online e a divulgação de conteúdos sensíveis na rede mundial de computadores seria mediante o desenvolvimento de práticas de netiqueta, aprendendo a lidar com os problemas à medida que eles emergem.

As tecnologias digitais, podem, portanto, ser usadas pelos jovens tanto para fins positivos, tais como fortalecer as ações de protagonismo juvenil, ou de forma negativa, mediante as práticas de *cyberbullying* e outras ciberviolências. Portanto, é muito importante que os educadores que lidam diretamente com crianças e adolescentes procurem se familiarizar com o universo digital e desenvolver práticas educacionais significativas para os jovens, fazendo com que a escola esteja à altura do seu tempo histórico e consiga lidar melhor com os desafios do século XXI, procurando utilizar as tecnologias digitais de forma contextualizada.

Uma das formas de prevenir os problemas é desenvolver práticas de boas maneiras na internet, debatendo o tema da ética no uso das tecnologias digitais no laboratório de informática da escola, desenvolvendo uma prática dialógica com os adolescentes, procurando respeitar a cultura do aluno e valorizar seus conhecimentos. E caso o professor se sinta menos preparado para lidar com as tecnologias digitais no laboratório de informática na escola, ele pode desenvolver todo um trabalho pedagógico a partir dos conhecimentos que o aluno traz, tornando este parceiro no desenvolvimento de boas práticas educacionais a partir de temas que são significativos para eles e preparando-os um pouco mais para a vida.

Referências

Albuquerque-Lima, A. M. M. (2005). *Inclusão digital e protagonismo juvenil: um estudo de caso em dois centros de tecnologia comunitária*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

Albuquerque-Lima, A. M. M. (2011) *Cyberbullying e outros riscos na internet: despertando a atenção de pais e professores*. Editora Wak: Rio de Janeiro.

Fante, C., & Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Fisher, R.M, Lorenzi, G.W, Bose, M., Fante, C. et al. (2010). Pesquisa: Bullying Escolar no Brasil. Relatório Final. Disponível em: <http://www.promenino.org.br/Portals/0/pesquisabullying.pdf> Acesso em: 11 de janeiro de 2011.

International Telecommunication Union. (2008). *Use of information and communication technology by the world's children and youth. A statistical compilation*. Disponível em: <http://www.itu.int/publ/D-IND-ICT_YOUTH-2008/en> Acesso em: 11 de janeiro de 2011.

Kowalsky, R.; Limber, S. & Agaston, P. *El acoso escolar en la era digital*. Urduliz, Espanha: Desclée de Brouwner, 2010, 303p.

Palfrey, J., & Gasser, U. (2008). *Born digital. Understanding the first generation of digital natives*. Nova York: Basic Books.

Palfrey, J. (2009). Enhancing Child Safety & Online Technologies: final report of the safety technical task force. Disponível em: <http://cyber.law.harvard.edu/sites/cyber.law.harvard.edu/files/ISTTF_Final_Report.pdf>, Acesso: 10 de janeiro de 2011

Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil. TIC Crianças 2009. <<http://www.cetic.br/tic/criancas/2009/index.htm>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2011.

Prensky, M. (2001). *Digital natives and digital immigrants*. Disponível em:<<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2011.

Safenet Brasil. Disponível em: <<http://www.safenet.org.br/site/>> Acesso em: 11 de janeiro de 2011.

Shariff, S. (2008). *Cyberbullying: issues and solutions for the school, the classroom and the home*. Rotledge; Nova York, EUA.

Solove, D. (2007). *The future of reputation. Gossip, rumor, and privacy on the internet*.

Tapscott, D. (2009). *Grown up digital. How the net generation is changing your world*. Nova York: McGraw Hill.



Curso de
PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS
para Educadores de Escolas Públicas

Willard, N. (2007). Cyberbullying and Cyberthreats. Responding to the challenge of online social aggression, threats, and distress. Research Press: Champaign, Illinois.